

Ano XXXIV - N.º 2

Revista Mensal

2,50 €

Fevereiro 2018

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



**A
ESPERANÇA
NÃO MORRE!**

Sumário



Fevereiro 2018 | N° 2 | Ano XXXIV

EDITORIAL

- 3 A esperança não morre**
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4 O rosto de Jesus**
Frei José Carlos Matias
- 5 Ano Europeu do Património**
San Juan de Baños
Arlindo de Magalhães

HOMEM E SOCIEDADE

- 6 Para além das evidências**
Ainda faz sentido confessar-se?
Nuno Santos
- 8 Correio de Coimbra**
A Igreja em saída
Carlos Neves
- 10 Traços de uma Presença**
Ano Europeu do Património Cultural
Juan Ambrosio
- 12 Pés na terra**
Do amor e de livros
Inês Espada Vieira
- 14 Memória e tradição**
15 de fevereiro, festa da trasladação de Santo António
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15 As mulheres na Igreja**
Juan Ambrosio (Coordenação)

IGREJA A CAMINHO

- 23 Respigos**
O valor das coisas
Francisco Gil
- 24 Igreja em diálogo**
Teologia,
lugar de escuta inteligente
José Pedro Angélico

CULTURA

- 26 Artes e Letras**
Livros
Rui Pedro Vasconcelos
Adelaide Miranda
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

PÁGINAS ANTONIANAS

- 28 Páginas Franciscanas**
Festival Franciscano 2017
Frei José Carlos Matias
- 29 Devoção**
Orações a Santo António
- 30 Devoção**
Uma figura próxima
- 32 O caminho de Francisco de Assis**
08 - Clara e Ordem Terceira
- 34 Santo António, mestre da palavra**
Com Jesus, a justiça torna-se fraterna

CONTRACAPA

- 36 Contracapa**
Uma Igreja com rosto amazónico

Diretor
Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)
Diretor-adjunto
Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)
Administrador
Frei Domenico Celebrin
Redação
Frei Severino Centomo
Proprietário e Editor
Associação Cultural
Mensagem de Santo António
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Redação e Administração
Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas
Telefone e fax
239 438 190
Correio eletrónico
mensagem.assinantes@gmail.com

Atendimento:
segunda, quarta e sexta-feira (manhã)

Preço da assinatura anual
Só digital: 15 €
Portugal: 22 €
Europa: 35 €
Fora da Europa: 45€ - \$65 (CAN)
Amigo: 50 €
Benemérito: 100 €

Preço avulso: 2,50 €
Números atrasados: 3,50 €

IBAN da ACMSA
(transferência bancária)
PT50 0010 0000 42510410001 59
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão
SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Gueifães - Maia

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

O MENSAGEIRO de Santo António
é propriedade da ACMSA,
entidade sem fins lucrativos

Estatuto Editorial
<https://santoantonio.live/about/>
Edição digital
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.750 exemplares



EDITORIAL

A esperança não morre!

Frei Severino

A foto da capa da revista deste mês pretende mostrar que, no nosso mundo, a última palavra não pertence à morte, mas à vida. Por isso, dado que onde houver esperança há vida, então a esperança é a virtude mais necessária, mormente nos momentos de maior angústia e incerteza.

Quando o Papa Francisco decidiu surpreendentemente casar, no avião que o levava para a cidade de Iquique, no Chile, o casal Paula e Carlos, todos se perguntaram o “porquê” daquele gesto. Ele respondeu: “Porque é importante celebrar e viver o sacramento do amor. Porque Deus, por assim dizer, “espelha-se” no casal e imprime neles as suas características e o carácter indelével do seu amor. O matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós. E espero que este gesto motive outras pessoas a celebrarem o matrimónio”.

Nós sabemos que, para viver o amor, é necessário ter esperan-

ça naquele que disse: “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”. É a presença do Senhor na nossa vida a constituir a nossa força e a nossa confiança; na verdade, Ele é o amor e quem permanece n’Ele, permanece no amor e aceita com alegria tudo o que o amor comporta.

Papa Francisco, com este gesto, bem como com outros gestos surpreendentes aos quais nos habituou, quer mostrar-nos o essencial da nossa vida: o amor, que enche de alegria, de júbilo e de paz a nossa existência. O que é importante é acolher a Cristo, acreditar no Seu amor que renova todas as coisas e nos projeta para uma nova forma de viver e de nos relacionarmos.

O nosso mundo, nestes últimos tempos, parece passar por um défice de esperança: tragédias naturais e humanas, egoísmos entre as nações e desrespeito pela criação, levaram a uma maior desconfiança na possi-

bilidade de os homens se entenderem e se solidarizarem na obra da justiça e da paz.

É necessário cultivar e conservar o “sonho” de uma nova criação, onde “a justiça e a paz se abraçam, onde o lobo habita com o cordeiro, onde a criança brinca na toca da víbora, onde não há dano nem destruição em todo o santo monte do Senhor” (cfr. Is 11,1ss). É o mesmo sonho que fez de Martin Luther King um herói dos direitos humanos, da não violência e do amor. Eis, nas suas palavras, o segredo: “Quando chegas a fixar o rosto de cada ser humano e, bem no fundo dele, vês o que a religião chama a «imagem de Deus», comesças, não obstante tudo, a amá-lo. Não importa o que faça, lá vês a imagem de Deus. Há um elemento de bondade de que nunca te poderás livrar”.

A descoberta da “imagem” de Deus, nos homens e na criação, reavive a nossa esperança e ative o nosso amor! ■

Capa: Crianças plantam árvores na apresentação da “Estratégia de recuperação do Pinhal de Leiria” na Marinha Grande, 22 de janeiro de 2018. RUI MIGUEL PEDROSA/LUSA.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

A Igreja em saída

UM ROSTO DIFERENTE PARA A IGREJA



Carlos Neves

Agradecemos ao *Jornal Correio de Coimbra*, por nos ter concedido publicar parte da entrevista feita a Lluís Martínez Sistach, Cardeal Arcebispo emérito de Barcelona, concedida durante as Jornadas de Formação Permanente da Diocese de Coimbra. O texto foi retirado da entrevista realizada por Carlos Neves.

O PAPA FRANCISCO

O Papa atual tem dado uma imagem diferente da Igreja, mais próxima das pessoas, de tal modo que as pessoas não crentes têm agora uma imagem mais positiva da Igreja.

O Papa Francisco tem uma dupla qualidade: fala daquilo que interessa às pessoas e di-lo com uma linguagem que as pessoas entendem.

É uma pessoa corajosa, porque diz o que às vezes é difícil de dizer; é uma pessoa que está próxima dos pobres, dos marginalizados. Recordemos Lampedusa, a sua primeira saída apostólica, o seu primeiro grito de abertura e acolhimento às pessoas em fuga, que ficavam sepultadas no Mediterrâneo.

E, depois, repare-se na iniciativa do Ano Santo da Misericórdia! Não precisava de o fazer, mas quis convocá-lo. Porquê? Porque há muita gente que sofre e necessita de misericórdia, a misericórdia de Deus, através das pessoas, através dos cristãos, através da Igreja: uma Igreja misericordiosa, uma Igreja em saída, que não se encerre em si

mesma, mas que saia, que vá às periferias humanas, existenciais e geográficas; uma Igreja hospital de campanha, porque há muito sofrimento e é preciso consolar... Tudo isso deu uma imagem e um conteúdo – imagem e conteúdo – que eram muito necessários para a Igreja. A Igreja fê-lo sempre, é certo, mas não se sublinhava tanto. A Igreja é antiga, mas é sempre nova: quando há um problema novo, social, humano, de violência, seja o que for, o Espírito Santo sempre suscita alguma pessoa que faz algo para dar resposta àquele problema.

O ACOLHIMENTO

Por isso, a primeira atitude que os pastores e agentes de pastoral precisam de ter para realizar o seu serviço em favor do bem das pessoas, tanto dos cristãos que participam da vida da comunidade, como dos cristãos

que estão afastados e como dos não cristãos, é o acolhimento: que as pessoas se sintam acolhidas, com um acolhimento primoroso, excelente, porque são pessoas.

Temos que acolher as pessoas todas, aquelas que vêm à paróquia e aquelas que não vêm e a quem temos, então, de ir procurar à rua, seja onde for; e, aí, também as acolhemos. A primeira atitude pedida ao sacerdote ou ao leigo, ao religioso ou à religiosa, é este primeiro contato, extremamente importante.

O DIÁLOGO

Depois, o acolhimento comporta o diálogo. Acolhemos para dialogar, para escutar, para responder. O diálogo é importantíssimo; sem ele, não poderíamos realizarmo-nos como pessoas e como cristãos. Como cristãos, acreditamos que Deus nos criou à Sua imagem e semelhança – homens e mulheres – e Deus é uno e trino, um só Deus e três Pessoas, com uma relação de conhecimento e amor mútuos; portanto, para nos realizarmos, nós, que somos seres sociáveis, precisamos de ser conhecidos pelos outros e conhecer os outros, ser amados por eles e amá-los.

Daí a importância do diálogo e da relação interpessoal. Por outro lado, a Igreja é diálogo. A Igreja tem que oferecer às pessoas a mensagem de Jesus, o Evangelho. Oferece-se esta mensagem expondo, falando, comunicando, dialogando com as pessoas.

O diálogo é muito necessário: a Igreja é “colóquio”. Mais ainda, o diálogo é importante em toda a esfera religiosa, porque a

religião é diálogo entre Deus e os homens; também no cristianismo.

ACOMPANHAMENTO

Às atitudes de acolhimento e diálogo é preciso acrescentar a atitude de acompanhamento, manter a proximidade com aqueles que vêm pedir um sacramento, ou oferecer um serviço, ou que querem conhecer melhor a mensagem evangélica... É preciso acompanhar estas pessoas. Por outro lado, os pastores, sobretudo os sacerdotes, têm que acompanhar também os leigos e leigas, religiosos e religiosas, que trabalham ao serviço da paróquia, da Igreja. Também estas pessoas precisam de ser acompanhadas, de ser ajudadas, de ser formadas, de ser animadas nos momentos de desânimo ou confrontadas com a realidade no momento em que descolam na fantasia de que tudo está a ser uma maravilha. A Igreja, porque é mãe, acompanha os seus filhos; portanto, a paróquia tem que acompanhar as pessoas.

A ATITUDE DE SAÍDA

Aqui entronca uma outra atitude importantíssima: a atitude de saída, que o Papa Francisco nos tem recordado tantas vezes. Tocamos o sino e cada vez vêm menos pessoas... Pelo menos na sociedade ocidental, ainda que não seja assim noutros lados. E nós, cristãos, acreditamos que Deus já está a agir no coração de todas as pessoas, crentes, não crentes, jovens, não jovens, mais próximas, mais afastadas. O que é preciso, às vezes, é que alguém ajude a discernir uma inquietude, um sonho, uma procura do sentido para a vida, uma procura frustrante, porque no local errado, da felicidade.

DISCERNIMENTO

Por isso, uma outra atitude é o discernimento. É muito importante ajudarmo-nos mutuamente a discernir qual é a vontade de Deus: qual é a vontade de Deus na minha vida, concreta, mais próxima ou mais afastada da Igreja, mas onde há um desejo forte de me aproximar de Deus, uma grande necessidade de saber o que Deus quer da minha vida, complexa, difícil, que nem sempre está de acordo com as matrizes do que a Igreja diz, por exemplo, do matrimónio. E há situações difíceis, que não se coadunam com as coordenadas da Igreja: mas são duas pessoas que se encontram, que se conhecem, que se amam, que têm filhos... Bem, então é preciso o discernimento, porque poderão dar passos na direção de conhecer a vontade de Deus na sua vida concreta, dar passos no esforço para a cumprir.

O OBJETIVO FINAL

E tudo isto para quê? Para aproximar mais as pessoas de Deus e para as aproximar mais da Igreja. É isto que quero dizer: a pastoral – as paróquias, os arcepresbiteros, a diocese, os movimentos..., toda a pastoral – precisa de ser organizada. Mas sempre serão necessárias as pessoas, seja qual for o modelo organizativo. E, portanto, sempre será necessário tudo o que disse antes: ir procurá-las, aproximar-se delas, acolhê-las, dialogar, acompanhar, discernir. Isto será sempre necessário, porque, em definitivo, a Igreja sempre está ao serviço das pessoas, e é Deus que ama, que salva, que quer que as pessoas se realizem plenamente como pessoas e como cristãos. ■



Pagela brasileira com oração "cinco minutos diante de Santo António", representando Santo António com o Menino Jesus sobre a cidade de Lisboa. São Paulo, 1950. Museu de Lisboa – Santo António. MA.IMP.0512

Lisboa sempre celebrou Santo António, fazendo questão de lembrar que foi aqui que o santo nasceu. Diz a tradição que quando foi declarado santo, a 30 de maio de 1232, os sinos da cidade tocaram sozinhos e que uma alegria espontânea se espalhou por toda a população.

O dia 13 de junho era celebrado com procissão, *Te Deum* e missa pontifical na Sé. Mas os festejos iniciavam-se nos treze dias antes da festa, com a celebração das Trezenas. Na véspera de 13 de junho, a família real visitava a igreja de Santo António, onde era homenageada com ramalhetes de flores e doçarias.

Paralelamente às festas religiosas, nos bairros organizavam-se arraiais populares com danças e cantares, com o tradicional saltar à fogueira onde se queimavam alcachofras, e com o cortejo de rapazes e raparigas às fontes para cumprirem o ritual de lavar o rosto com água fresca.

Também fazia parte dos festejos a realização de touradas, da responsabilidade da Câmara, que podiam ocorrer em agosto ou em setembro no Terreiro do Paço ou no Rossio, e que encerravam com um grandioso fogo de artifício.

A cidade de Lisboa festejava ainda o dia 15 de fevereiro, dia da transladação do corpo de Santo António. Esta festa, eminentemente religiosa, assinala a terceira transladação do Santo, que se realizou em Pádua a 15 de fevereiro de 1350, presidida pelo cardeal Guy de Boulogne. Este mandou colocar a mandíbula do santo num relicário e permitiu que pequenas relíquias fossem distribuídas por outros santuários da Europa. Possivelmente uma destas relíquias terá sido destinada à cidade de Lisboa. A festa era celebrada pelo Senado da cidade que assistia na Real Casa de Santo António ao ofício de vésperas (dia 14 à tarde, coincidindo com o dia de São Valentim) e novamente na manhã do próprio dia, onde todo o Senado comparecia novamente para a celebração de missa com sermão. ■

15 de fevereiro, festa da transladação de Santo António

Pedro Teotónio Pereira



As mulheres na Igreja

Por ocasião da celebração do centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima ensaiámos algumas pistas de reflexão sobre o papel da Mulher na Igreja. Porque se trata de uma questão importante e atual, não por ser ou estar na moda, mas por ter a ver com a maneira como vivemos a nossa identidade e missão, vamos durante este ano continuar esse caminho.

Autores vários (coordenação de Juan Ambrosio)

Santo António, uma figura próxima e inspiradora



Giuseppe Bertazzo

Há uma hierarquia entre os santos? Pouco sabemos do que ocorre lá, no céu; saberemos um dia. Entretanto, constata-se que nós, terráqueos, temos uma proximidade bem variada com os santos venerados pela Igreja Católica.

Frei António de Lisboa, durante a sua breve vida terrena (36 anos, 1195-1231), não teve fama de milagreiro. Os muitos milagres que lhe são atribuídos foram a idealização, depois da sua morte, do que o Santo representava em sua ação:

António se nos apresenta como um sinal da presença de um Deus de amor na

vida cotidiana, de um Deus atento ao homem em sua situação precária, superando as ideologias das autossuficiências humanas. Definitivamente, é a presença de um Deus-amor, que é a língua materna de toda experiência de quem crê.

G. Panteghini

Foi alguém e 'santo' que, com rica afetividade, acolhia as pessoas e tinha um dom particular para atrair e conquistar a presença maciça do povo e das elites com a sua pregação e com o exemplo da sua vida.

UMA FIGURA PRÓXIMA E INSPIRADORA

Retomar a figura de frei António de Lisboa, sua preocupação com a harmonia familiar, seu compadecimento diante do sofrimento das mães e das vítimas de injustiças

sociais e dos exploradores do povo, contra os quais invoca com veemência a intervenção de um Deus purificador, fazem dele uma figura próxima e inspiradora para a realidade atual.

Enfim, “a idealização operada pela liturgia, pela pregação, pela arte, pela piedade popular exalta... dois traços essenciais: a sua união com Cristo e sua proximidade com o irmão necessitado... O António da devoção popular é esse António: amigo de Deus e amigo dos necessitados” (G. Panteghini). Não podemos ficar insensíveis diante dos sentimentos do povo que não mede esforços para ficar junto de seu santo.

É o que encontramos nas orações publicadas no *Mensageiro de Santo António*. São expressões da devoção, como indicado no alto da página,

e, portanto, da confiança com que as pessoas se dirigem a Santo António; a mesma confiança que levava as pessoas a procurarem frei António para aliviar suas angústias.

O QUE PEDEM OS DEVOTOS DE SANTO ANTÓNIO?

Podemos notar uma nota de afetividade de quem se dirige a Santo António. Por isso, ouvimos: “Meu querido Santo António”, “Bondoso”, “Amabilíssimo”, “Santo António, sois carinhoso e bom”, “Santo António da minha devoção”. Ainda: “Meu querido Santo António, eu te suplico em nome de Jesus que repousa nos teus braços...”.

Há quem pede “por favor” a intercessão do Santo, como a boa educação ensina quando nos dirigimos a quem nos pode ajudar. Ao mesmo tempo, não se esquece que o Santo tem poder de intercessão: afinal, ele é o ‘taumaturgo’ e, por isso, é invocado também como ‘Vitorioso’, ‘Poderoso’, ‘Milagroso’, ‘Potente’, ‘Grande e admirável’.

Os pedidos de graças inserem Santo António no dia a dia das pessoas. Há quem pede para encontrar objetos desaparecidos e manifesta gratidão e maravilha pelo pronto atendimento. Os pedidos para recuperar a saúde abalada por doenças, para encontrar trabalho, aprovação em concurso, ajuda em causa de justiça, ajuda a pagar as dívidas, manifestam que a vida não é sempre como desejaríamos.

Há quem não aprove tantas súplicas aos santos e, particularmente, a Santo António, por considerá-las sintoma de uma religiosidade interesseira. Nesses pedidos, entretanto, enxerga-se a vida de tantas pessoas que, no esforço cotidiano de viver uma vida honesta e digna, confiam na bondade e misericórdia

de Deus para ter ânimo e força para enfrentar as dificuldades que sempre serão indesejadas companheiras de caminhada.

E enxerga-se também o carinho da avó que pede, “de todo o coração, que proteja os netinhos de todas as maldades deste mundo”. Assim como podemos ver o amor altruísta da mãe que pede para que o filho seja feliz, pois assim “poderá retribuir a mesma felicidade aos outros”. E vê-se o coração aflito da mãe que implora “pela filha que não é feliz”. Outra mãe, que toma consciência de que terminou sua missão, pede confiante: “Dado que não posso ajudá-los mais, faz isso por mim, de modo que possam caminhar no Caminho do Pai e sejam felizes. Confio em ti”.

Não há pedidos para que sejam concedidas riquezas. Uma devota pede a reforma completa pois, com ela, poderá auxiliar os mais carentes da sociedade; há quem reza para que “os projetos de auxílio aos necessitados se consigam concretizar”. Em tempos de penúria, como os atuais para muitas pessoas, lembrando a intervenção do Santo para que devedores não fossem aprisionados ou exilados, aliviando assim o sofrimento das famílias, pede-se ajuda “para pagar todas as minhas dívidas”.

Aos pedidos de uma ajuda do céu para necessidades pessoais ou da família, acrescentam-se pedidos de quem, preocupado com a realidade sombria em que estamos inseridos na atualidade, pede: “Que todos os governantes do nosso planeta trabalhem para a construção da paz e da justiça social... Protege Portugal e intercede junto de Deus pela paz no mundo”.

O santo casamenteiro por excelência é invocado para que interceda para “poder ter ao meu lado um

companheiro bom, amigo e honesto e que me ajude a vencer a solidão da vida”. Uma devota implora: “Por favor, cura o meu seio, intercede por mim. Dá-me a graça de ser mãe... e um santo matrimônio”.

Lembrando o Santo que restabelecia a paz entre casais em desacordo: “Te peço que protejas o meu casamento nesta fase menos boa”. E, “ajude a minha filha e marido e voltem a ser o casal que Deus uniu”. Que a filha case bem, “e que a todos nunca nos falte o pão, a fé e a graça de Deus”.

Antes do pedido de ajuda do Santo, muitas vezes vem o agradecimento: “Antes de mais, obrigada por tudo o que tenho, a minha família, amigos”; “Santo António, eu te agradeço por tudo o que tenho e peço pelos que nada têm”.

Enfim, caminhando de mão dada com o querido Santo, chegaremos até a casa do Pai: “Peço a tua intercessão junto a Deus, para que caminhemos juntos no seio do Seu amor ao encontro d’Ele! Assim quero viver, aprendendo!”.

Santo António, o bom tio que quebra os galhos dos sobrinhos, lembra-nos de que o Pai é generoso com seus filhos. Durante sua vida, foi sinal da bondade de Deus: sua pregação e sua presença desarmavam a violência que reinava entre facções rivais; confessor, esquecia-se de tomar alimento para atender às confissões; enfrentava os poderosos e restabelecia a harmonia nas famílias. Do céu, ainda exerce a missão que cumpriu na terra, a de mensageiro da bondade de Deus. E pede a nossa colaboração de bons cristãos, para que o que pedimos – paz e fraternidade entre os homens – seja o milagre que nós mesmos ajudaremos a realizar. ■

Na cidade de Assis (1211) uma jovem nobre observa os frades...

07

Aquele não é o Francisco? O que queria ser cavaleiro?

Sim! É ele mesmo e os seus companheiros.



© caminho de Francisco de Assis



Vou falar com ele sobre o seu amor aos pobres.



Clara, não podemos. As nossas mães proibiram.

Dizem que são mendigos e vagabundos... e talvez até bandidos.

O movimento franciscano estava atraindo muitas pessoas. Certo dia...



Irmão Francisco, eu e o meu marido, queremos seguir Jesus!

Ótimo! Como posso ajudar?



Nós queremos viver como o frei e os seus irmãos



Mas... vocês são marido e mulher! Se você for freira e seu marido frei... Isso acabaria com o vosso casamento...



Tolice, Lia, Eles são amigos de Deus.

Qual vagabundos? Olha como ajudam os que mais precisam.



Entusiasmada por seguir Jesus pobre...

Frei Alexandre Mogentele

Espera, Clara. Não faças isso!

Frei Francisco?

A mãe dela vai-me matar!

... inesperadamente, Clara corre na direção de frei Francisco e...



Hum... Mas não foi isso que nós pedimos.

Mas... Só os freis e as freiras podem seguir Jesus?



Não! Claroque não. Vou pensar no assunto!



É isso... Como é que não pensei antes?



Ótima idéia!



... diz:

Francisco, eu queria ser freil

O quê? Mas... tu és mulher!



Talvez possas ser... eh...

Hum... Freira?

Se eu for freira... Posso seguir Jesus Cristo como tu?



Sim...

Então, é isso mesmo que eu quero!

Deste modo, com outras pessoas, casados e solteiros, Francisco formou uma fraternidade de leigos penitentes e consagrados a Deus, chamada:



Eles começaram a anunciar a humildade e a vida simples entre as famílias, os amigos e nos locais de trabalho.

Assim, homens e mulheres, casados e solteiros, irmãos e irmãs...



... procuravam viver o Evangelho em fraternidade e serviço aos irmãos.



Com Jesus, a justiça torna-se fraterna

A PALAVRA DE DEUS

Em verdade vo-lo digo. Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos Céus.

“Vós aprendestes que foi dito aos antigos: não matarás, e se alguém cometer um assassinato, terá de ser julgado. Pois bem! eu digo-vos: Todo aquele que se puser em cólera contra o seu irmão deverá ser julgado. Se alguém insultar o seu irmão, deverá passar perante o tribunal. Se alguém o tratar de louco, é passível da geena de fogo. Portanto, quando vais apresentar a tua oferta ao altar, se, aí, te lembrares de que o teu irmão tem qualquer coisa contra ti, deixa a tua oferta, ali, diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta”.

Mateus 5, 20-24



Muro Ocidental com a Cúpula da Mesquita ao fundo, na Cidade Velha de Jerusalém, janeiro de 2018. EPA / ABIR SULTAN

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus. A justiça consiste em atribuir a cada um o que lhe pertence: a honra a Deus, a desconfiança para consigo próprio, o amor ao próximo, o desprezo para com o mundo, o ódio ao pecado.

A estes cinco destinos correspondem as cinco qualidades contidas no cântico de entrada deste domingo: se tu prestares honra ao Senhor, o Senhor será a tua fortaleza. Se desconfiares de ti próprio, Ele protegerá a tua salvação. Se amares o teu próximo, salvar-te-ás com ele. Se desprezares o mundo, ele abençoar-te-á como o seu herdeiro. Se odiares o pecado, ele guiar-te-á e viverás com ele para sempre (cf. Salmo 27, 8-9). O evangelho está também de acordo com a epístola deste dia: **“Batizados em Cristo Jesus, na fé de Jesus Cristo, é na sua morte, no seu sangue, que fomos purificados. Fomos sepultados com ele pelo batismo na morte, pela mortificação dos nossos vícios; e tal como Cristo, sofrendo a sua paixão, repousou no túmulo, também nós, sofrendo a cruz da penitência, repousaremos e não teremos mais a imagem e a lembrança dos nossos pecados.**

Também devemos fazer prova do nosso amor pelo próximo, **a fim de que, tal como Cristo ressuscitou dos mortos para a glória do Pai, também nós vivamos, numa vida nova**”. Cristo, depois da ressurreição, mudou a tristeza em alegria; assim, ressuscitados das nossas obras mortas, alegremo-nos com o nosso próximo e vivamos uma vida nova (cf. Romanos 6, 3-5).

APROFUNDEMOS

Há a justiça dos hipócritas e a dos verdadeiros penitentes

No início deste ano, a liturgia do domingo segue o evangelho de S. Mateus no sermão da montanha. Sublinhe-se uma frase sobre a lei nova que Jesus anuncia claramente: “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos Céus.” (Mt 5, 20) Que justiça nova é pois esta que deve ultrapassar a da lei antiga observada pelos fariseus? S. António ajuda-nos pela precisão das suas reflexões.

Opõe a justiça dos fariseus à dos apóstolos, dizendo mesmo que há a justiça dos hipócritas e a dos verdadeiros penitentes. “A justiça dos fariseus consistiu em dominar a mão, não o espírito. Por isso os judeus pensavam que ela não podia estar no pensamento, viam-na só na ação”. Praticar ações justas é sem dúvida bom, mas porque não é suficiente? A ação é boa na condição de ajudar à conversão real de toda a vida e não só do que é visível, como Jesus já tinha sublinhado (Mt 23). Os fariseus insistiam sobretudo na purificação das mãos e das taças, na elegância das vestes, com uma múltipla variação das instituições e dos preceitos. São ações que não vão necessariamente no sentido de uma verdadeira conversão. Quando se trata da justiça que Jesus propõe, S. António designa-a por “justiça dos penitentes”. Dois esforços devem reunir-se para que se trate verdadeiramente de uma nova justiça: a rejeição da prosperidade terrestre e a mortificação do nosso corpo. Sem esquecer o amor da pobreza e o espírito de fraternidade.

Que o conselho de António nos ajude na nossa vida de hoje: “Se amares o teu próximo, salvar-te-ás, tu e ele. Se desprezares o mundo, ele abençoar-te-á, a ti, que és seu herdeiro”. ■

Uma Igreja com rosto amazónico



Deixai-me dizer mais uma vez: Louvado sejas, Senhor, por esta obra maravilhosa dos povos amazónicos e por toda a biodiversidade que estas terras contêm!

Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmo-nos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas.

Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum. A defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida.

A Amazónia, além de constituir uma reserva da biodiversidade, é também uma reserva cultural que deve ser preservada face aos novos colonialismos. E a única maneira de as culturas não se perderem é manter-se dinâmicas, em constante movimento. A educação ajuda-nos a lançar pontes e a gerar uma cultura do encontro. A escola e a educação dos povos nativos devem ser uma prioridade e um compromisso do Estado.

A Igreja não é alheia aos vossos problemas e à vossa vida, não quer ser estranha ao vosso modo de viver e de vos organizardes. Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazónico e uma Igreja com rosto indígena.